

O MIGRANTE JOÃO PORTELA: UMA METÁFORA DE PORTUGAL

THE MIGRANT JOÃO PORTELA: A METAPHOR FOR PORTUGAL

Lucas Pessin¹

83

RESUMO

Este artigo propõe uma leitura do romance *O hóspede de Job*, de José Cardoso Pires, com foco na tentativa de migração realizada por João Portela, que sonha em encontrar trabalho, na grande cidade, longe da miséria que o cercava no Alentejo rural. Durante esse percurso sofrido e de tantas dificuldades, buscamos mostrar que a figura do camponês viajante representa os portugueses sem-terra, que estão à margem da sociedade, portanto, são hóspedes no próprio país. Com isso, interpretamos a figura de João Portela como uma metáfora de Portugal, um país à margem da Europa e que sofre violentamente com as consequências do salazarismo.

PALAVRAS-CHAVE: João Portela. Migração. Hóspedes. Portugal. Salazarismo.

ABSTRACT

This article proposes a reading of José Cardoso Pires' novel *O Hóspede de Job*, focusing on the migration attempt made by João Portela, who dreams of finding work in the big city, far from the misery that surrounded him in the rural Alentejo. During this painful journey and many dealt struggles, we aim to show that the figure of the traveling countryman represents the landless Portuguese, who are on the margins of society, therefore, they are guests in their own country. Eventually, we interpret the figure of João Portela as a metaphor for Portugal, a country on the fringes of Europe that violently suffers from the consequences of Salazarism.

KEYWORDS: João Portela. Migration. Guests. Portugal. Salazarism.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Literaturas Portuguesa e Africanas) na UFRJ, realiza uma investigação sobre o romance *Alexandra Alpha*, de José Cardoso Pires, com bolsa de pesquisa CAPES. Licenciado em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Magna Cum Laude, 2022) com monografia intitulada “Portugal fica em frente”: Ruy Belo em busca de um novo dia. E-mail: lucaspessin@letras.ufrj.br / Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6789-7292>.

“O migrante João Portela: uma metáfora de Portugal”, de Lucas Pessin

Metamorfoses, Rio de Janeiro, vol. 19, número 1, p. 83-96, 2022.



A revista *Metamorfoses* utiliza uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC).

Ao caminhar com destino ao sonho de trabalho longe da zona rural, João Portela canta:

«*laralá...
ao romper a bela aurora
quem me manda a mim ser parvo
sai o pastor da cabana...»*
(CARDOSO PIRES, 1964, p. 120)

84

Os versos cantados se assemelham a uma cantiga muito popular do Alentejo cujo nome é “Ao romper da bela aurora”. Nela, damos atenção a esta estrofe:

Ao romper da bela aurora
Sai o pastor da choupana
Vem cantando em altas vozes
Muito padece quem ama.

Quando amanhece, o camponês sai de sua casa para o trabalho árduo. No caso contido em *O hóspede de Job*, o jovem João Portela, alentejano residente numa pequena aldeia chamada Cimadas, sai de sua choupana em direção a Lisboa, movido pelo sonho de trabalhar arduamente na grande cidade, mais precisamente no ramo de construções. Assim como muitos conterrâneos durante o regime salazarista, Portela se intitula “parvo” (“quem me manda a mim ser parvo”), logo, um homem que não teve acesso ao estudo, como o romance nos diz, um analfabeto.

Este artigo pretende, então, acompanhar a sofrida migração feita por João Portela em companhia do tio Aníbal, outra figura importante do romance, a fim de buscar trabalho e de uma nova perspectiva de vida distante da pobreza e da falta de oportunidade que o cerca em sua terra. Ao longo deste texto também iremos sinalizar que não se trata somente de um jovem migrante, mas sim de um personagem que funciona, em José Cardoso Pires, como uma metáfora de Portugal mutilado pela repressão política.

Até chegar ao título final, Cardoso Pires rascunhou outras possibilidades de nomes que nos vêm a calhar para a leitura do romance:

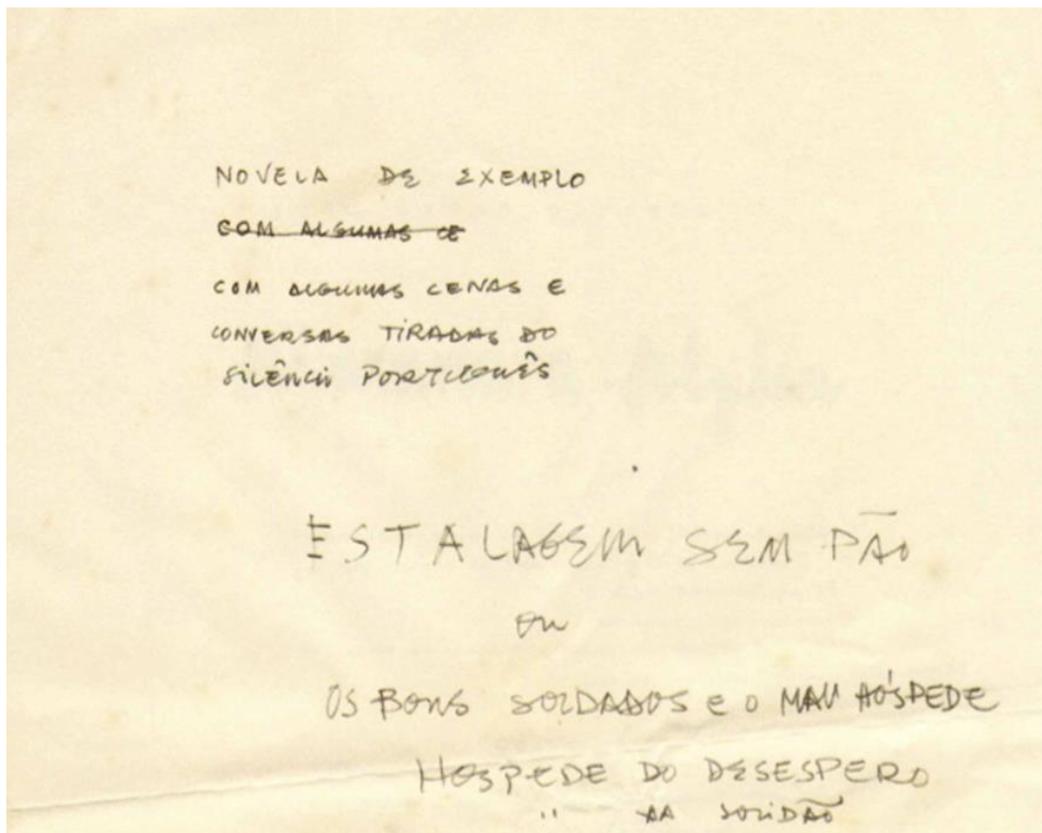


Figura 1. “José Cardoso Pires: escolha de título para *O Hóspede de Job* (manuscrito), *Colóquio/Letras*, nº 159/160, Jan. 2002, p. 319

A interpretação dos títulos possíveis torna-se mais clara ao vermos atentamente a dedicatória do romance à memória de António Nuno Pires Neves, irmão de José Cardoso Pires, militar e morto aos 21 anos de idade por ter caído de um avião do Exército fabricado pelos Estados Unidos. Na recente biografia sobre Cardoso Pires, Bruno Amaral reafirma que *O hóspede de Job* não deixa de ser uma forma de protesto à colonização militar estadunidense imposta durante o período da Guerra Fria (cf. AMARAL, 2021, p. 132). Mesmo tendo escrito a primeira versão assombrado pela prematura morte de seu irmão, o romance só veio a ser publicado dez anos depois e, como afirma Cardoso Pires, após “sucessivas correcções que lhe fui introduzindo” (CARDOSO PIRES, 1964, p. 255) até o seu primeiro lançamento em dezembro de 1963.

Por conta do notório teor político e denunciativo, não foi em Portugal a primeira edição do romance. Pouco tempo antes de chegar às livrarias portuguesas, *O hóspede de Job* teve a sua primeira publicação mundial pela editora Lerici, da Itália, com o título *L'Ospite di Giobbe*, como forma de driblar a censura salazarista. Vale ressaltar que, anos antes do lançamento desse livro, Cardoso Pires já havia sentido o peso dos censores. O livro de contos *Histórias de amor* foi proibido pela censura e apreendido pela PIDE sob a justificativa de “imoralidade”.

De acordo com Bruno Amaral, “a garantia de publicação em Itália era um trunfo que tinha na mão e que serviria para convencer os editores portugueses a arriscarem a publicação de *O Hóspede de Job*” (AMARAL, 2021, p. 274). As edições no estrangeiro dificultavam a ordenação da apreensão dos livros, pois uma censura à edição portuguesa seria capaz de gerar um alarde dentro e fora de Portugal, um escândalo que o regime certamente dispensava para a sua imagem.

O sucesso da estratégia de Cardoso Pires rendeu um reconhecimento internacional da sua obra e o “Prémio Camilo Castelo Branco” de 1963/64. Óscar Lopes não poupou elogios ao saudá-lo pela conquista:

José Cardoso Pires traz um novo fôlego ao nosso realismo consciente de ser realista e efectivamente capaz de o ser porque a sua obra não nos coloca numa subjectividade excêntrica e exótica relativamente às suas personagens populares, nem permanecem ao nível de consciência dessas mesmas personagens. Pelo contrário, avivam uma subjectividade, uma tomada de partido humano concêntrica (embora mais larga) à de essas personagens, mediante um excelente jogo de tipificação objectiva de circunstâncias e casos (LOPES, 1964, p. 367).

Com efeito, voltemos a ler os títulos possíveis para o romance. Todos os que estão ali rascunhados, especialmente “Os bons soldados e o mau hóspede”, parecem remeter à tragédia ocorrida com seu irmão, se levarmos em conta palavras como “solidão” e “desespero”, sentimentos muito presentes durante toda a leitura do romance. Nesse sentido, a primeira leitura da palavra *hóspede* é claramente relacionada à figura

estrangeira do Capitão Gallagher, oficial norte-americano em visita a zona militar Cercal Novo, que “levará como presente a dor dos camponeses” (CRUZ, 1972, p. 35). Sendo assim, trata-se de um hóspede que simboliza a violência do imperialismo estadunidense numa terra miserável e agrária como o Alentejo retratado no romance. Portanto, o título *O hóspede de Job* remete ao estrangeiro norte-americano residente nessa terra de *job*, palavra inglesa para trabalho.

Como a interferência norte-americana no romance é muito presente, a leitura do título pode ser depreendida como “o visitante do trabalho”, o que nos direciona também a toda a saga de João Portela que pretendemos explorar. João Portela é um *hóspede de Job*, pois, se pressupormos que hóspede é um indivíduo fora de sua terra natal, ele não pertence àquele espaço que pretende ocupar. Ao sair com destino ao trabalho, Portela abdica, assim como outros camponeses, da sua condição de residente na sua aldeia. Isso é reforçado na seguinte passagem: “a grande chaminé negra que uiva entre multidões de operários (hoje serventes na indústria, ontem cavadores como ele)” (CARDOSO PIRES, 1964, p. 147).

O título escolhido, *O hóspede de Job*, é capaz de contemplar as duas grandes histórias do romance que inevitavelmente (e tragicamente) se cruzam. No trecho citado, o narrador aponta que os operários da indústria um dia foram cavadores como Portela, ou seja, trabalhadores de enxada nas zonas rurais. Em busca de novas oportunidades de trabalho que despontavam com o advento da industrialização portuguesa em meados do século XX, os camponeses migraram de suas terras em direção aos grandes centros urbanos deixando para trás suas choupanas e suas cabanas, assumindo a condição de hóspedes.

Evidencia-se o drama dos portugueses desterrados, dos proletários sem trabalho, que se deslocam estimulados apenas pela força da esperança de encontrar uma nova perspectiva de vida. Assim, conforme Claudio Guillén, “não cabe pôr em dúvida a importância dos condicionamentos históricos que, em cada caso, modelaram uma experiência tão específica, tão inextrincavelmente unida ao devir político e social dos povos” (GUILLÉN, 2005, p. 15). Então, não podemos ignorar que essa “migração da força de trabalho” (cf. LEPECKI, 1977, p. 57) revela o processo de transição

socioeconômica de Portugal especialmente a partir da década de 50, isto é, o abandono do campo primário a fim de dar o protagonismo econômico à “indústria nacional” e à consequente imersão numa sociedade moderna aos olhos da população. Isso é notório na propaganda salazarista que, nas palavras de Eduardo Lourenço,

redundou na fabricação sistemática e cara de uma *lusitaniedade* exemplar, cobrindo o presente e o passado escolhido em função da sua mitologia arcaica e reaccionária que aos poucos substituiu a imagem mais ou menos adaptada ao país real dos começos do Estado Novo por uma ficção oficial, imagem sem controlo nem contradição possível de um país sem problemas, oásis da paz, exemplo das nações, arquétipo da solução ideal que conciliava capital e trabalho, a ordem e a autoridade com desenvolvimento harmonioso da sociedade (LOURENÇO, 2016, p. 38)

É importante retomar que a censura tinha como principal objetivo “apresentar a imagem de um país sem problemas nacionais ou locais, funcionando sobre a direção de um governante infalível, sábio e benevolente” (FIGUEIREDO, 1976, p. 151). Logo, como João Portela não tinha acesso ao estudo, não era alfabetizado e não tinha muita consciência do que realmente acontecia em seu país, a decisão por migrar do Alentejo para o grande centro é, seguramente, influenciada pelos canais de propaganda do Estado Novo e pela censura vigente, que massificavam a imagem de um país onde a cidade era repleta de oportunidades sem qualquer tipo de dificuldades ou problemas, isto é, “uma Disneylândia qualquer” (LOURENÇO, 2016, p. 38).

A busca de João Portela parte também da premissa de que o trabalho é uma fonte dignificadora do homem, pois é a partir do sucesso dessa busca que o camponês se verá realizado e, principalmente, pertencente à sociedade. Nesse sentido, a migração do personagem revela que o estímulo ao trabalho na cidade era uma forma de alimentar ideologicamente os jovens portugueses, fazendo-os crer na sua utilidade à pátria através do trabalho e na sua dignidade por estar trabalhando. Por isso, o jovem “sonha com Lisboa e com andaimes de grande altura, com as brigadas de calceteiros que, segundo parece, desmontam a horas mortas as ruas da cidade” (CARDOSO PIRES, 1964, p. 146-147).

Contudo, em *O hóspede de Job*, vemos essa mesma história sem as lentes da propaganda salazarista. A começar justamente pela falta de instrução de João Portela, apenas movido pelo sonho, o que nos provoca uma contradição: como Portugal pode ser tão justo e próspero como dito nos folhetins do regime se parte da sua população é analfabeta e ainda precisa se deslocar donde nasceu para tentar conseguir trabalho? Como vemos no romance, João Portela não é o único nessa empreitada:

São camponeses viajando de dia, malteses ou não pouco importa — e andam à vida. Dois como muitos, vão de lombos curvados, carregando a inquietação de quem busca trabalho, mas nos lugares e nas aldeias encontram sempre a mesma tristeza: malteses ao sol, mulheres às portas, patrulhas rondando (CARDOSO PIRES, 1964, p. 109).

Os camponeses migrantes têm os lombos curvados também devido ao peso da História. Uma cena muito semelhante a essa constrói o ensaio “Lá vai o português”, de *E agora, José?*: “dobrado ao peso da História, carregando-a de facto, e que remédio — índias, naufrágios, cruces de padrão (as mais pesadas). Labuta a côdea do sol a sol e já nem sabe se sonha ou se recorda” (CARDOSO PIRES, 1999, p. 21). No ensaio, temos um português vagante observado de longe, assim como João Portela, que está vergado à História das conquistas e dos descobrimentos tão patrioticamente difundida pelo Estado Novo, resultando na visão do peregrino “vivo e humilhado de tanto se devorar por dentro” (CARDOSO PIRES, 1999, p. 22).

Nesse sentido, João Portela é a imagem do Portugal salazarista. O camponês humilhado pelo próprio Estado que o negligenciou é o retrato fiel do português solitário e lançado à sorte sem qualquer auxílio:

Dos dois, o mais novo chama-se João do Rosário Portela — João Portela, simplesmente. Pelado, duas manchas ralas em lugar de sobrancelhas e umas vistas ardidadas, sem pestanas, correm-lhe nas veias galiqueiras antigas, [injeções de] 914, arsénio e bismuto em doses de cavalo (CARDOSO PIRES, 1964, p. 110).

Vejamos que o jovem tem uma saúde debilitada, corroendo-o por dentro. Mesmo em plena idade ativa, João Portela nunca será apto a trabalhar com o que almeja,

restando-lhe apenas a resiliência. A personagem sofre com os efeitos de “galiqueiras”, uma manifestação oriunda da sífilis. Não só manchas na pele e o acúmulo de injeções para apaziguar os sintomas, Portela sofre com frequentes desmaios e convulsões, o que pode nos levar a crer que a doença já tenha atingido o sistema nervoso: “João Portela rastejava de costas e arranhava as faces. Estremecia tal e qual uma cobra apanhada pelo meio: sulcando a poeira mas sem sair do sítio, vibrando, vibrando” (CARDOSO PIRES, 1964, p. 133).

Assim como João Portela, na época de escrita do romance, o fascismo corroía Portugal, impedindo-o de avançar. Sobretudo, a presença de militares com ênfase na de Gallagher reforça a doença fascista por meio das armas, da destruição da paisagem e da violência. A propaganda de um Portugal triunfante é, então, as injeções tomadas por Portela que visam, a doses cavalares, apaziguar e anular os sintomas já impossíveis de não serem notados.

Com efeito, voltemos a ler o título, pois há, no Velho Testamento, a figura de Job (ou Jó). Segundo as escrituras, Job era um homem muito rico, com família constituída e fiel a Deus, tudo na sua vida era perfeito e digno de dar louvores ao mais alto dos céus. Por ser muito obediente ao divino, o Diabo propôs testar a fé de Job para ver qual era o limite da sua devoção; com a concessão de Deus, o Diabo armou uma série de desgraças na vida de Job como a perda de seu gado e a morte de seus empregados e de seus filhos. Como Job manteve sua fé diante das adversidades, o Diabo o castigou novamente, enviando-lhe uma grave doença, que não o matou, mas o deixou irreconhecível.

Sendo assim, João Portela é uma figura acometida por muitos males como a fome, a sede, o calor escaldante e a sua doença. Especialmente, vemos Portugal também na figura de Job, um país católico e temente a Deus, castigado pelos efeitos do salazarismo. Além da demonização da política imposta pelo Estado Novo, interpretamos a figura de Gallagher como o Diabo, pois as ações dele são uma das causas principais para a desgraça do português e a arruição dos seus sonhos. Afinal, o material que sela o destino de Portela é fabricado pelos norte-americanos.

Fica claro, portanto, que a obra de Cardoso Pires “nasce, conseqüentemente, de um profundo sentimento de responsabilidade cívica que se evidencia claramente na

recusa e na interpelação que faz às políticas do Estado Novo Português” (MARGATO, 2006, p. 198). Como o romance diz:

O sapateiro arrependido era, naquele tempo da República, o único hóspede certo da cadeia. Os anos rodaram e com os anos vieram mais crimes, mais males. O cárcere começou a povoar-se de bandidos menores, como sejam os ladrões de água, os ciganos, este ou aquele incendiário vingativo, e os pescadores sem rede (CARDOSO PIRES, 1964, p. 175).

91

A ascensão do Estado Novo como resultado da queda da República fez aumentar o número de crimes e lotou cadeias por conta da sua política repressiva (os ciganos e os incendiários vingativos). Principalmente, trouxe outros tantos castigos à população humilde vítima do abandono (ladrões de água e os pescadores sem rede), em outras palavras, portugueses como João Portela.

Depois da convulsão, Portela, com esperanças, caminhou até o Lavre em busca de emprego. Não havia para ninguém. Ao invés de se dirigir até Lisboa, Portela tem sua rota alterada pela alienação do tio Aníbal, fazendo-o caminhar com destino a Cercal Novo: “João Portela à frente, como de costume; o velho, de espingarda à bandoleira, a magicar nos seus planos” (CARDOSO PIRES, 1964, p. 146).

Cardoso Pires traz a figura do “português velho” como um homem alienado, solitário e individualista. Aldeão como João Portela, o velho acredita que, por ter um filho militar, as autoridades da zona de Cercal Novo lhe devem auxílio financeiro. Em sua solidão, “consolava-se avaliando os benefícios do militar, apreciando o muito que se aprende nos quartéis, quer em escrita e em contas, quer em conhecimento da vida e das armas” (CARDOSO PIRES, 1964, p. 45).

A situação de Aníbal não é tão distinta da de João Portela, o velho também sofre com a falta de trabalho, uma “carestia que vai por toda a parte” (CARDOSO PIRES, 1964, p. 72). Por isso, ele se apega a sua própria afirmativa de que “«um soldado é um filho da pátria»” (CARDOSO PIRES, 1964, p. 45), logo, “quem, como eu, entrega um filho à Nação merece ser recompensado” (CARDOSO PIRES, 1964, p. 72). Conforme Maria Lúcia Lepecki:

logo que entra em cena, por altura da repressão policial sobre os camponeses em greve, Aníbal assinala a considerável diferença entre si e eles. Não se percebe que a Guarda que se preparava para sujar a água do poço da aldeia é apenas o braço evidente da repressão. Quem o sabe é o outro camponês, o grevista que, em antagonismo momentâneo e de valor positivo, porque pedagógico, dirige ao velho inconsciente a *fala* susceptível de, se bem decodificada, fazê-lo *compreender* (LEPECKI, 1977, p. 57).

A obsessão do velho encaminha João Portela a desgraça uma vez que o jovem não via em Cercal Novo e na carreira militar qualquer tipo de futuro. No entanto, embora com divergências, cria-se um laço não só de cumplicidade entre os dois, mas também de solidariedade que vai se cristalizando no decorrer da jornada, resultando no fim da alienação de Aníbal. Essa transição para a realidade começa a ser aparente à medida que vão se aproximando de Cercal Novo cuja paisagem é uma terra arrasada: “ao fundo avistam-se uns esqueletos de árvores, um chaparral queimado a estorcer-se à boca de uma pedreira, mas a impressão é a mesma do resto: braveza, abandono, mortalidade” (CARDOSO PIRES, 1964, p. 151). Nessa desordem que cheirava a pólvora, um estrondoso barulho de tiro soou, fazendo tremer céus e terras.

O tiro a mando do Capitão Gallagher atingiu gravemente a perna de João Portela e deixou no jovem uma alastra mancha escura de sangue. A agonia e o sofrimento de Portela não passam despercebidos nem aos olhos dos militares residentes em Cercal Novo, nem aos olhos alienados de Aníbal e principalmente nem aos camponeses que souberam da tragédia. Inevitavelmente, por causa da profundidade do ferimento, Portela tem sua perna amputada na enfermaria do quartel de Cercal Novo e, logicamente, enterra para sempre o seu sonho de conseguir trabalho na grande cidade.

A Lisboa urbana e moderna passa de distante para inalcançável, a viagem falha e não sobra outra alternativa senão refazer o caminho até Cimadas. “A má sina levava o camponês para sítios nunca sonhados e ele, esquecido numa enfermaria, tremia de febre e de pavor, desprezado pelo mundo” (CARDOSO PIRES, 1964, p. 185); com o peso da culpa em seus ombros, Aníbal permite-se *compreender* que nada do que dizia sobre a carreira militar era real ou minimamente próxima do que estava a ver em Cercal Novo.

Por esse motivo, tendo plena consciência de que sua alienação desgraçou Portela, o velho opta por abandonar seu individualismo e abraçar a solidariedade, ao vender sua arma a fim de comprar um par de muletas sob medida para o amigo e conseguir arcar com a viagem de retorno.

Mas lá muito no íntimo estava amargurado porque não fora essa a imagem que idealizara (ou que realmente conhecera) dos parentes dos recrutas ao serem recebidos nos quartéis de Évora do tempo dos dragões ou antes. Ali não era ao pai do soldado que abriam as portas, bem sabia; era ao companheiro duma vítima, que nessa qualidade é visto com olhos curiosos e merecedor de seu quinhão de piedade (CARDOSO PIRES, 1964, p. 219-220).

O processo de mudança da alienação para realidade é dolorido para Aníbal, que chega a afirmar o desejo de dar a sua perna para não encarar o que seus olhos flagravam na zona militar. Simbolicamente, a alienação do “português velho” ter destruído as chances de trabalho do “português jovem” carrega também uma crítica ao país. Contrastando duas gerações, Cardoso Pires nos diz que a mutilação do Portugal presente muito se deve à imagem deturpada do passado “do tempo dos dragões ou antes”, isto é, ao passado mítico, de heróis da pátria, a narrativa que serve de base para o Estado Novo. Em linhas gerais, a nostalgia das ruínas do império é determinante para a invalidez do Portugal atual, fazendo-nos retornar ao ensaio citado no início deste artigo:

Repare-se que foi remetido pelos mares a uma estreita faixa litoral (Lusitânia, assim chamada) e que se cravou nela com unhas e dentes, com amor, com desespero ou lá o que é. Quer isto dizer que está preso à Europa pela ponta, pelo que sobra dela, para não se deixar devolver aos oceanos que descobriu com muita honra (CARDOSO PIRES, 1999, p. 21).

Isso se reitera com a idade de João Portela, que, segundo tio Aníbal, tem 28 ou 29 anos de idade, mas certamente menos que 30 anos. Cardoso Pires escreveu *O hóspede de Job* em meados da década de 50, como dito, imediatamente após à morte do irmão em 1953 até aproximadamente maio de 1954 (cf. CARDOSO PIRES, 1964, p. 255). Portela tem o mesmo tempo de vida do que o Estado Novo durante a escrita do

romance, pois em 1956 o regime completara 30 anos da imposição da “ditadura nacional” com o fim da Primeira República.

O camponês inválido é uma metáfora de Portugal, um país de “labuta à margem da Europa” (CARDOSO PIRES, 1999, p. 25). Além disso, não podemos perder de vista o fato de o país ser violentamente agredido pelo imperialismo norte-americano e sua concepção capitalista de mundo, que faz camponeses como João Portela e tio Aníbal saírem de suas terras em busca de trabalho que nunca vão encontrar.

Com base nessa afirmação, antes do retorno inglório de Aníbal e de João Portela a Cimadas, a tragédia causa revolta em outros portugueses, exigindo que o hóspede volte para sua terra:

O porteiro foi. Pegou numa escova de arame e entrou no grupo das desesperadas que se jogavam à parede com baldes e esfregões, facas e cal. Mas os gatafunhos resistiam. Eram meia dúzia de letras, se tanto, e um boneco barbicha e cornos de bode rabiscado à parede. *Go Home...* (CARDOSO PIRES, 1964, p. 234).

A manifestação foi encoberta por uma grande bandeira que pode ser portuguesa ou norte-americana. Vemos que as manifestações contrárias ideologicamente ao regime são ocultadas pelo símbolo da soberania nacional, em outras palavras, censuradas pelo ufanismo que caracteriza governos autoritários. Ao percebemos o “*Go Home*” e como ele é utilizado para “os conquistadores do Novo Mundo” (CARDOSO PIRES, 1964, p. 228), compreendemos que há nesse texto o retrato da criação de uma consciência política coletiva visando, mesmo repreendida pelo sistema, uma resistência que vai se multiplicando: “*Go home...*, pareciam repetir os automóveis, um por um, ao passarem em sopros enfurecidos pelos muros escritos, como se quisessem apagá-los. *Go Home...zut...Go Home...*” (CARDOSO PIRES, 1964, p. 228). Com isso, é nítido que o romance compõe “o projeto político de Cardoso Pires, bem como o dos neorrealistas e de muitos outros escritores de sua geração, situa-se na utopia da liberdade, sufocada pelo regime salazarista, o que faz com que haja uma positividade, emoldurada sempre pela vigilância e pelo rigor, no discurso literário produzido” (PEREIRA, 2019, p. 168).

Muito longe da tão sonhada Lisboa, o romance termina no mesmo espaço de onde partiu, o Alentejo rural, mostrando o fracasso da viagem que não avançou e somente causou desgraças aos migrantes. Já em Cimadas, vemos talvez a maior mudança em tio Aníbal, que está comprometido a fazer justiça e ajudar João Portela, sendo agora duas pessoas inseparáveis entrelaçadas pela solidariedade criada na viagem. A mudança de comportamento do velho fortifica o nascer da consciência coletiva ao deixar para trás todo esse passado alienado responsável pela tragédia e se ocupar com os cuidados de um presente “enganado com tantas histórias, tantas fantasias” (CARDOSO PIRES, 1964, p. 246).

Como última cena, temos justamente o trabalho coletivo daquela comunidade e o início de uma nova dinâmica de convivência entre Aníbal e João Portela, simbolicamente, o despontar de uma nova dinâmica entre o velho e o novo, o passado e o presente. Com isso, através da mobilização popular e da solidariedade que vai se criando entre os portugueses, Cardoso Pires rascunha um projeto de futuro capaz de romper com a alienação da História, extrapolar os limites do real, e adentrar um Portugal *de e para* portugueses, onde nenhum seja hóspede no próprio país. O sonho é, portanto, o de um país moderno e para todos, muito afastado de todos os males que atravessaram o miserável corpo desse camponês humilde e analfabeto fixado à margem da Europa, como a viagem de João Portela dolorosamente nos mostrou.

Referências Bibliográficas:

- AMARAL, Bruno Vieira. **Integrado marginal: biografia de José Cardoso Pires**. Lisboa: Contraponto, 2021.
- CARDOSO PIRES, José. **O hóspede de Job**. 2ª ed. Lisboa: Arcádia, 1964.
- _____. “Lá vai o português”. In: **E agora, José?** 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1999, p. 21-26.
- CRUZ, Liberto. **José Cardoso Pires: análise crítica e selecção de textos**. Lisboa: Arcádia, 1972.
- FIGUEIREDO, António de. **Portugal: 50 anos de ditadura**. Trad. J. M. Martins Dias e Maria Manuela Palmerim. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- GUILLÉN, Claudio. **O sol dos desterrados: literatura e exílio**. Trad. Maria Fernanda de Abreu. Lisboa: Teorema, 2005.
- LEPECKI, Maria Lúcia. **Ideologia e imaginário: ensaio sobre José Cardoso Pires**. Lisboa: Moraes, 1977.
- LOPES, Óscar. “Saudação de Óscar Lopes a Cardoso Pires”. **Revista Vértice**, n. 248-249, maio/junho de 1964, p. 364-367.
- LOURENÇO, Eduardo. “Psicanálise mítica do destino português”. In: **O labirinto da saudade**. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2016, p. 25-79.
- MARGATO, Izabel. “Os procedimentos de escrita de José Cardoso Pires”. **Via Atlântica**, nº 9, 2006, p. 195-211. DOI: 10.11606/va.v0i9.50050 Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50050>. Acesso em 24 out. 2022.
- PEREIRA, Maria Luiza Scher. “Cardoso Pires e o “prazer vigilante” da escrita”. In: CERDEIRA, Teresa et al. **E agora, José(s)?** Belo Horizonte: Moinhos, 2019, p. 165-177.